

A DEMOCRACIA

ORGÃO OPERARIO

Redactor: F. Xavier da Costa

Proprietarios: COSTA & HEIT

Gerente: Antonio Heit

Expediente

Assinaturas: Anno, 83000; seis maiores, 83000; pagamento adiantado. Número avulso 200 réis. Anúncios e outras publicações pelo que se convencionar. Publica-se aos domingos. Redacção e Administração: Rua Vigário José Ignacio n.º 50.

Ineditorial

Uma infamia

II

A marca a fogo que aplicou os dois senhores da Federação — o Agostinho José Lourenço e o falso gerente e nunca assim deconsidado perseguidor do typographos, egoista e intelectual, mentiroso e hypocrita Leiria Primo, produziu efeito...

E respondi:

Ambos — Agostinho e Leiria — afirmam que as provas da minha criminalidade (que cynismo!) lá estão no escriptorio da Federação.

Certamente as provas serão a caderneta onde eu assentava o meu salário em férias, como typographo, e as cartas anónimas que tanto custo deram a elas.

Si não era um delinquente, devia o transviado muito acostumar logo o oferecimento que se lhe fez para um público examinar aquelas provas, o que foi rejeitado, preferindo vir agravar ainda mais a sua lamentável situação com o bontem, cujo topo agudamente característico dos mafiosos é o de Leiria Primo, 28 de Agosto de

Agostinho José Lourenço — E o tal sujeito que como simples typographo conseguiu achar-se proprietário, isto é, o falso Leiria Primo assumiu a responsabilidade destas asneiras que apareceram num jornal:

As investidas atiradas contra mim por Plínio José de Freitas ficaram completamente destruídas com a Explicação anti-bontem publicada neste tomo pelo seu digno gerente er. Agostinho José Lourenço.

Quanto ao facto-relativo a João Jaguarense — é mais uma inversão, pois tenho commigo, à direita

porque não me processam o Agostinho e mais o Leiria? E' pôr-

E, como sabe ao certo que

posição de quem quizer ter, uma declaração firmada pelos meus amigos collegas João Henrique da Silva, Alredo Ollito de Carvalho, Estrelido da Almeida, José Baptista Leite dos Santos, Alcides Henrique da Silva, o José Christovam da Rosa, que presentaram o incidente, afirmando que no reagido acto continuo contra João Jaguarense.

Porto Alegre, 30 de agosto de 1905.

Antonio T. Leiria Primo.

Transcrevo as choldras assinadas pelos dois heróes para o público e especialmente os typographos apressem o caradrim de tais indivíduos.

E respondi:

Ambos — Agostinho e Leiria — afirmam que as provas da minha criminalidade (que cynismo!) lá estão no escriptorio da Federação.

Certamente as provas serão a caderneta onde eu assentava o meu salário em férias, como typographo, e as cartas anónimas que tanto custo deram a elas.

Dizem os dois que a minha caligrafia e as referidas cartas são uma e a mesma cosa e que foi por isto que me demitiram, e o fizeram porque aquelas continham questões gravíssimas de acusação.

Alude o sólido gerente ao facto de eu haver recusado um

meio que via propulsora do con-

frontar a letra das cartas com a minha;

não diz, pôrém, que recusou

porque a sua proposta não

passava de recusa da compre-

ensão por parte de pelo tal de

Leiria Primo.

Porque motivo o Agostinho não

apella para os meios legais afim

de ser apurada a verdade no caso?

Sabem-nos porque, os dois . . .

O hypocrita Leiria, na resposta

que publicou, encostou-se à desculpa

do outro, sólido escrivão

de tratar de verdadeiro ponto

da questão.

Porém como lhe pareceu mister

deitar arazi (com licença d'Agostino, . . .) veio a público para

dizer que no caso Jaguarense, por

mem citado, soube reagir.

Quanto descarramento num ho-

mem!

E, como sabe ao certo que

não hesitou. Vendeu os bens com

excepção do castello, e pagou tu-

do. Cumprido torpidamente este

vulgar dever, restava-lhe apenas

um modesto rendimento. Era qua-

si a miseria a bater-lhe à porta

juntamente com o desfavor monar-

cha, e esta dupla desgraça surgiu

no momento em que acabava de

ter um filho e de perder a esposa.

Estes acontecimentos vieram en-

contral-o sem coragem, visto co-

mo não estava preparado para el-

les. Encorrou-se no seu palacio.

Longo dos sandos prazeres da

capital, longe dos amigos que o

tinham esquecido, maldisendo o

ceo e os homens, calu nova es-

pele de myanthropie que o tor-

nou nervoso e impertinente até ao

exagero. Assim viver por espazo

de vinte annos, vendo crescer com

indiferença o filho, cuja infância

discorreu tristemente e cuja edu-

cacão foi commissaria ao cura d'uma

aldeia proxima. Morreu em 1755,

nesse século cuja primeira metade

havia sido tão fatal para a sua casa.

Seu filho Heitor, — o mesmo

que vimos rescolher Tiopasta —

achou-se de posse, aos vinte um,

annos, d'esse nome ante'ora illus-

trado nas cárteis da Europa e nos

ninguem que o conheça podera

acreditar em sua palavra, conse-

guir de alguns dos seus subor-

dinados na typographia da Fe-

deração uma espécie de atesta-

do confirmando a sua assertão.

Basta isto para dar uma perfis-

ta ideia da integridade moral do

typo.

O atestado, entretanto, não tem

as assinaturas de todos os em-

pregados daquella typographia que

ouviram a tremenda descomposi-

ção com que Jaguarense castigou

a hypocrisia do celebríssimo ad-

ministrador; e não tem-nas pelo mo-

mento, muito simples alíás, de se ha-

verem recusado a confirmar a asser-

ção do Leiria ou outros seus

companheiros de trabalho.

O publico que tire disto a pro-

va real do valor do atestado.

Mas voltemos ao principal.

Só há um meio para, legalmente,

resolver-se a questão do reconhe-

cimento da minha caligraphia: é

recorrer ao tribunal.

Afecta a quem do direito a so-

lução do caso, far-se-á luz, tam-

bém, sobre muita coisa que tem

ocorrido nas officinas da Federa-

cão . . .

Ver-se-á porque motivo o Leiria

não se defendeu das acusações

gravíssimas que, segundo ele mes-

mo disse, lhe foram feitas nas car-

tas anonymous dirigidas ao tuto-

dos dróprios do saudoso e malo-

grado Eduardo Marques, e dentro

as quais como recho dos presen-

tes deu destaque estatua-

riam-se o Leiria, o plenário

da Assembleia dos paes, da lavra do intelligent

amador Boaventura Silva.

O desempenho correu a con-

tento geral, tendo sido muito vi-

toriosos os interregantes senho-

res Narciso, Lopo, Vilela, Corrado Schioli,

Francisco Lopes, Melriano, Ernesto Macchi, Luiz Werkhäuser e Carlos Kreibich,

notadamente os tres primeiros.

A segunda parte foi preenchida

com a conhecida comedia Por

causa da Pindahyba, em que

José Macchi, Amaro de Barrô,

Mario Netto, Schioli, Kreibich e

Ernesto Macchi trouxeram o pu-

blico em constante hilaridade.

Em seguida o sr. José Macchi,

amador dotado de irresistivel vela-

com e muito talento, monocou-

os Episódios da revolta

que o publico aplaudiu estrepitosamente.

Após isto, foi, com insistencia,

nos todos os annos dos nossos ren-

dimentos uma somma suficiente

para constituir a nosso filho mais

velho, quando elle chegar á mo-

ridade, recursos que lhe permitam

apresentar-se condignamente na

corte e conquistar as boas graças

de rei, nossa ultima esperança.

— Encontrar-me-ha sempre

prompta a ajuda-o, respondem a

marquesa.

Dois annos depois de casada

Edmê deu á luz um menino e se-

guidamente uma menina. Fortu-

na de rei, diz o proverbio. Não

parou aquil. Em ambos os annos

as colheitas foram abundantes, e

as primeiras economias ressentiram-

-se d'issò. A existencia dos dois

conjuges parecia ser auspiciosa.

O marques esperava. A mar-

quesa, criatura adoravel e encan-

